

por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura. Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Respondeu-lhes Jesus: Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que a casa fique cheia. Porque muitos são chamados, mas poucos os escolhidos. O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Quem quiser receba de graça a água da vida. O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida. Por acaso tenho eu prazer na morte do perverso? — diz o Senhor Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva? Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Converti-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos, pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?. E não pensemos que a palavra de Deus tenha falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas. Afirmamos que Deus não quer a morte do pecador, uma vez que ele chama todos igualmente ao arrependimento e promete a si mesmo estar preparado para recebê-los se eles seriamente se arrependerem. Se alguém objetasse — então não haveria eleição de Deus pela qual ele destinou um número fixo para a salvação — a resposta estaria à mão: o Profeta não fala aqui do conselho secreto de Deus, mas só chama do desespero aos homens miseráveis, para que eles apreendam a esperança do perdão, e se arrependam e embracem a salvação oferecida. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Quantas vezes eu quis... e vós não o quisestes.

AVOCACÃO do evangelho

Quem vê a mim, vê ao Pai. O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou. Pode-se perguntar aqui: se Deus não quer que ninguém **im pereça**, por que tantos, na verdade, perecem? Minha resposta é que não há menção, **aqui** sobre o **decreto secreto** de Deus pelo qual os ímpios são **condenados à ruína**, sendo **revelado somente sua misericórdia** através do **evangelho**. Ali, Deus estende sua mão a todos, mas só **segura** (de **forma a conduzi-los a si**) aqueles que **ele escolheu antes da fundação do mundo**. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como **se Deus exortasse por nosso intermédio**. Em nome de Cristo, pois, **rogamos que vos concilieis com Deus**. **por todo o mundo, e pregai o evangelho** a toda criatura. Mas nós **pregamos** a Cristo crucificado, **escândalo para os judeus, loucura para os gentios**; mas para os que foram chamados, tanto judeus como **gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus**. Vinde a mim, todos vós que estais **cansados e sobrecarregados**, e eu vos **aliviarei**. Respondeu-lhes Jesus: Sai pelos caminhos e **atalhos** e obriga a todos a **entrar, para que a casa fique cheia**. Porque muitos são chamados, mas poucos os **escolhidos**. O Espírito e a **noiva** dizem: Vem! **Aquele que ouve, diga: Vem!** Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de **graça a água da vida**. O Espírito e a **noiva** dizem: Vem! **Aquele que ouve, diga: Vem!** Aquele que tem sede **venha**, e quem quiser receba de **graça a água da vida**. Por acaso tenho eu prazer **na morte do perverso**? — **diz o Senhor Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva**?. Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer **na morte do perverso**, mas em que **o perverso se converta do seu caminho e viva**. Converti-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos, pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?. E não pensemos que a palavra de Deus tenha falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas. Afirmamos que Deus não quer a morte do pecador, uma vez que ele chama todos igualmente ao arrependimento e promete a si mesmo estar preparado para recebê-los se eles seriamente se arrependerem. Se alguém objetasse — então não haveria eleição de Deus pela qual ele destinou um número fixo para a salvação — a resposta estaria à mão: o Profeta não fala aqui do conselho secreto de Deus, mas só chama do desespero aos homens miseráveis, para que eles apreendam a esperança do perdão, e se arrependam e embracem a salvação oferecida. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Quantas vezes eu quis... e vós não o quisestes. Quem vê a mim, vê ao Pai. O meu ensino não é meu, e sim daquele que me enviou. Pode-se perguntar aqui: se Deus não quer que ninguém

Anthony Hoekema



OS PURITANOS

Anthony Andrew Hoekema (1913-1988) nasceu em Drachten, Friesland, na Holanda e mudou-se para os Estados Unidos com a família em 1923. Serviu em várias igrejas como pastor e foi também professor de Teologia Sistemática no Calvin Theological Seminary (USA). Além de outros títulos, publicou sua trilogia de estudos expositivos sobre temas centrais da fé cristã, que inclui, na área da antropologia, *Created in God's Image* (inédito em português), na área de escatologia, *A Bíblia e o Futuro* (publicado por esta editora) e na área de soteriologia — *Salvos Pela Graça*.

Extraído do livro '*Salvos Pela Graça*', Editora cultura Cristã, pp. 75-86 (Com autorização)

Editoração Eletrônica e Capa: Heraldo Almeida

A VOCAÇÃO do Evangelho

Por Anthony Hoekema

O chamado do evangelho precisa ser entregue a todas as pessoas. A Bíblia não deixa dúvida sobre isso. Na Grande Comissão, Jesus disse aos seus discípulos e à igreja de todas as eras: "Vá e faça discípulos de todas as nações". Ainda que as igrejas de persuasão reformada têm afirmado a doutrina da eleição incondicional (de que Deus tem escolhido seu povo graciosamente desde antes da criação do mundo) e a expiação limitada (que Cristo expiou os pecados daqueles que foram escolhidos como seu povo), essas igrejas têm também — com exceções ocasionais — afirmado que a oferta do evangelho deve ser entregue a todos os ouvidos do mundo.

A Escritura claramente ensina que o evangelho precisa ser pregado a todos. Se podemos ajustar isso com a eleição particular, é outra questão. Mas a regra para nossa pregação deve ser a vontade de Deus revelada. Em última análise, cabe a Deus harmonizar o predeterminado resultado da pregação do evangelho com a oferta geral da salvação. Somos limitados aos meios que Deus prescreveu para conduzir pessoas à salvação. E o meio mais importante é a pregação do evangelho.

A vocação evangélica pode ser definida assim: a oferta da salvação em Cristo a pessoas, junto com um convite para vir a Cristo em arrependimento e fé, para que recebam o perdão dos pecados e a vida eterna.¹ Podemos daí distinguir os seguintes três elementos:

¹ Adaptado de Berkhof, ST, p. 459.

(1) A apresenta o dos fatos do evangelho e dos meios de salva o.

A obra que Cristo realizou pela nossa salva o precisa ser clara e cuidadosamente colocada. Isso deve ser feito em linguagem compreensível ao povo de hoje e relevante às necessidades e problemas presentes. Tão importante quanto isso   que o pregador precisa, antes de tudo, ser fiel às Escrituras. Num sentido, a mensagem do Cristo crucificado vai parecer sempre irrelevante e ofensiva. Não   prazeroso escutar que somos pecadores, por natureza objetos da ira de Deus e incapazes de, por nossa própria força, escapar desse juízo. Paulo cria dessa forma: mesmo assim, continuava a pregar o evangelho que ofendia a alguns: *"... Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus"* (I Co 1.23,24).

(2) Um convite para vir a Cristo em arrependimento e fé.

O convite do evangelho precisa ser mais que uma apresenta o; precisa incluir um convite honesto. Jesus mesmo convida pessoas a virem a ele em arrependimento e f : "Vinde a mim, todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28). O pregador não pode minimizar a seriedade do pecado, mas precisa enfatizar a importância do genuíno arrependimento. Deve ser deixado claro que f  não   apenas um assentimento intelectual a certas verdades, mas o vir a Cristo com todo o ser, incluindo compromisso de serviço.

A voca o evangélica   ao mesmo tempo uma ordem, como uma convoca o vinda de um rei. Observe como Jesus expressa isso na Parábola da Grande Ceia: *"Respondeu-lhes Jesus: Sai pelos caminhos e atalhos e obriga a todos a entrar, para que a casa fique cheia"*. O convite do evangelho não   algo que deixe a pessoa livre para aceitar ou declinar, como alguém que   convidado para o futebol, mas   uma ordem

do soberano Senhor de toda a criação que manda que venhamos a ele para salvação — uma ordem que não pode ser ignorada a custo de uma eterna perdição.

É um erro sério pensar que pastores que pregam a membros de igrejas estabelecidas não precisam fazer convites para receberem a Cristo como Salvador. Herman Bavinck conduz significativa discussão sobre extremos a serem evitados na pregação.² Pregação equilibrada, diz ele, precisa combinar a ênfase sobre o pacto e sobre o evangelismo. Em sermões dirigidos a pessoas que não tenham ouvido antes o evangelho, o pregador precisa não apenas convidar seus ouvintes a crer e se arrepender; precisa também edificá-los na fé. Em sermões dirigidos a membros de igrejas estabelecidas, por outro lado, o pregador não deve se satisfazer em edificar os crentes na fé, meramente esboçando as implicações da fé que devem ter. É necessário, e sempre será, mesmo na pregação dirigida a crentes, um apelo sério ao arrependimento e à fé. Nenhum pregador pode ingenuamente presumir que todos em sua igreja sejam salvos. Sempre haverá crianças e jovens que ainda não assumiram o compromisso com Cristo, e haverá adultos que não fizeram uma decisão clara pelo Senhor. Esses também precisam ouvir e serem chamados ao Senhor.

(3) A promessa do perdão e da salvação.

O convite do evangelho precisa também incluir a promessa de que aquele que responde propriamente ao chamado receberá o perdão e a vida eterna em comunhão com Cristo. Essa promessa é, contudo, condicional: você recebe perdão e salvação se você arrepende-se e crê. Nos últimos capítu-

² *Roeping eu Wedergeboorte* (Mampen: Zalsman, 1903), pp. 157-87. Um resumo dessa discussão em inglês pode ser achado em "Two types of preaching" ("Dois tipos de pregação"), *Reformed Journal*, vol. 5, nº 5 (Maio de 1955), pp. 5-7.

los, discutiremos com mais detalhes sobre arrependimento e fé. Quando digo que a promessa incluída no evangelho é condicional, não quero dizer que seja uma condição que um ser humano possa preencher em sua própria força. Só Deus pode capacitar o ouvinte do convite do evangelho a se arrepender e crer. O ouvinte precisa, portanto, orar pedindo a Deus que lhe dê poder, e precisa louvar a Deus quando ele o fizer. Essa condição precisa ser cumprida para que a bênção seja recebida — isso o pregador precisa deixar claro.

O CHAMADO EVANGÉLICO CONVIDA A TODOS OS QUE O OUVEM

Quais são as características da vocação do evangelho? Primeiro, é geral ou universal, envolvendo um convite que é feito a todos os que ouvem o Evangelho. Isso fica claro na Parábola das Bodas (Mt 22.1-14) e na Parábola da Grande Ceia (Lc 14.16-24). Cada uma dessas parábolas retrata a vocação do evangelho. Ainda que haja pontos de diferença entre as duas parábolas, a verdade básica de ambas é a mesma: alguém (em Mateus, o rei; em Lucas, simplesmente certo homem), tendo convidado pessoas para um banquete, enviou seus servos (ou em Lucas, seu servo) a trazê-las. Quando eles recusaram o convite, o anfitrião enviou seus servos às ruas e travessas da cidade e, depois, por estradas e caminhos nos campos para trazer outros que não os originalmente convidados ao salão do banquete, a fim de que se enchesse a casa.

Em cada uma das parábolas a palavra *kaleo* é usada para descrever a convocação dos convidados para o banquete (Mt 22.3 e Lc 14.17). Em Mateus, há uma combinação de duas formas verbais: o rei enviou seus servos *kalesai tous keklemenous* ("para convidar aqueles que tinham sido chamados"). O chamado para o banquete, portanto, foi emitido

e repetido depois aos mesmos que haviam sido convidados. Mas os convidados originais recusaram o convite e outros, que foram convidados depois, aceitaram e vieram. Nas duas parábolas havia pessoas que foram chamadas e convidadas, mas que não vieram. Jesus colocou isso sucintamente em Mateus 22.14: "*Porque muitos são chamados, mas poucos os escolhidos*".

Parece claro que essas parábolas precisam ser interpretadas como referentes à vocação evangélica. O primeiro grupo de convidados são os judeus, antigo povo do pacto de Deus, previamente chamados através de profetas, sacerdotes e reis ungidos por Deus, os quais são agora, outra vez, chamados por Cristo e seus discípulos. Nas duas parábolas os primeiros convidados recusaram-se a vir. O segundo grupo de convidados, tanto em Mateus quanto em Lucas parece que eram judeus (pessoas que viviam na cidade) outros que não os previamente chamados — coletores de impostos, pecadores e outros semelhantes. O povo incluído nesse segundo grupo estava pronto a atender ao convite. O terceiro grupo de convidados, mencionado apenas por Lucas (pessoas nos caminhos e atalho e, portanto, fora da cidade) talvez seja o dos gentios aos quais o convite tem vindo ultimamente à medida que a igreja cumpre a Grande Comissão (Mt 28.19,20). Em Mateus 22 e em Lucas 14 Jesus ensina que muitos há que são chamados a aceitar o evangelho e recusam o convite — que, em outras palavras, há um chamado geral estendido a todos aos quais o evangelho é pregado.

A mesma conexão é feita também em Mateus 11.28: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei". Ainda que só aquele que reconhece seu estado pecaminoso virá a Cristo, o chamado é feito a todos os que estão "cansados e sobrecarregados", quer reconheçam ou não sua condição.

Atos 17.30 fala de uma vocação geral ou universal em termos

de comando "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância: agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam ... ". O último capítulo da Bíblia, de fato, cont m um urgente chamado geral: "O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida" (Ap. 22.17). O Novo Testamento ensina claramente que o chamado ou apelo do evangelho chega a todos aos quais a Palavra   pregada ou ensinada.

Quando um pregador ou missionário traz o evangelho, não pode,   claro: restringir-se àqueles que a Bíblia chama de "eleitos" (os que Deus tem escolhido para a salvação): ele não sabe quem são eles. O pregador se dirige a todos; ele convida para a salvação a todos os que o ouvem. Não   necessário dizer que o pregador ou missionário deseja honesta e ardentemente que todos cheguem   salvação. Mas agora vem a questão. Há esse desejo da parte de Deus? Deus honestamente deseja que todos que ouvem o evangelho se arrependam, creiam e sejam salvos?

Sobre essa questão tem havido e ainda há diferença de opiniões entre os teólogos reformados.³ Restringindo-me   fase americana dessa controvérsia, observe que o falecido Herman Hoeksema e a Igreja Protestante Reformada nos Estados Unidos e no Canadá, da qual era fundador, ensina que Deus não deseja sinceramente a salvação de todos aos quais o evangelho   pregado. A Igreja Cristã Reformada, porém, em oposição a Hoeksema, e em concordância com a maioria dos teólogos refor-

³ Sobre o evangelho, chamado evangelho da boa intenção, oferecido pelo teólogo reformado, veja Herman Hoeksema, *The Protestant Reformed Church in America (A Igreja Protestante Reformada na América)*, 2  edic o (Grand Rapids, 1947). p. 317-53). *Reformed Dogmatics* (Grand Rapids: Reformed Free Publishings Association, 1966). p. 465-6R. "Whosoever Will" (Todo que quiser) (Grand Rapids: Eerdmans, 1945). Conferir também Klaas Schilder. *Heidelbergsche Catechismus*, vol. 2 (Goes: Oosterbann and LeCointre, 1949); Peter Toon. *Emergence of Hyper-Calvinism in English Nonconformism (Emergência do hiper calvinismo no não-conformismo inglês)*, 1689-1765 (London: The Olive Tree, 1967).

mados, afirma que Deus deseja seriamente a salvação de todos os que ouvem o evangelho. Isto nos leva à consideração de uma segunda característica da vocação do evangelho.

O CHAMADO DO EVANGELHO É SERIAMENTE BEM INTENCIONADO

Para que entendamos essa controvérsia, precisamos primeiro olhar a posição de Herman Hoeksema sobre esse ponto. Segundo Hoeksema, o convite do evangelho jamais é uma oferta. Se fosse uma oferta, implicaria que todos aos quais o evangelho chegasse seriam capazes de aceitá-la pelas próprias forças. Isso não é verdade. Só aos eleitos (aqueles que Deus escolheu desde a eternidade para a salvação) é dada a capacidade de aceitar o convite do evangelho. Essa vocação do evangelho não é uma oferta universal de graça ou salvação, mas, sim, uma ordem da vida para a vida e uma ordem da morte para a morte, em concordância com o expresso propósito de Deus.⁴

Precisa ser lembrado que a teologia de Hoeksema é dominada pela causalidade do duplo decreto de eleição e reprovção.⁵ Ele argumenta que é impossível manter os decretos da eleição e da reprovção e ainda falar de boa intenção na oferta do evangelho a todos aos quais ele é pregado. Falar de tal oferta implica que Deus deseja que todos os que escutam o evangelho sejam salvos e que, portanto, ele tem uma atitude favorável para com eles. Mas se isso é certo, argumenta Hoeksema, como explicar passagens da Escritura que ensinam que Deus endurece o coração de algumas pessoas que ouvem

⁴ De Jong, *The Well-Meant Gospel Offer*, p. 42-43.

⁵ Por eleição, entendemos a escolha de Deus, desde antes da criação do mundo, de um certo número de seres humanos a serem salvos. Por reprovção, entendemos a decisão de Deus, também feita antes da criação do mundo, de ignorar alguns seres humanos na distribuição de sua graça e condená-los pelos seus pecados.

o evangelho? Como pode Deus ter uma atitude favorável para com o reprovado? De fato, esse autor diz: Deus jamais garante ao réprobo qualquer sinal de sua graça. Tudo o que Deus faz para ou pelo reprovado nesta vida é deliberadamente planejado para prepará-lo para a condenação final.⁶

Hoeksema vê também uma inconsistência entre o ensino da boa intenção da oferta do evangelho e a doutrina da expiação limitada.⁷ "Eles (o povo que aceita a boa intenção da oferta) professam crer que a expiação é limitada, e que Cristo morreu só pelos eleitos: ainda assim, por outro lado, também insistem que Deus sinceramente tem boa intenção na oferta da salvação a todos os homens".⁸ Hoeksema não pensa que seja possível harmonizar essas duas doutrinas; elas simplesmente contradizem uma a outra.

Para Hoeksema, a doutrina da eleição e reprovação torna impossível falar de evangelho pregado como uma oferta de graça ao réprobo. Se pregar não é uma oferta, o que é, então? Consiste em uma proclamação universal e uma promessa jungida a uma promessa particular. Essa proclamação inclui um número de declarações concernentes à verdade revelada no evangelho. É a declaração da vontade de que Deus salva seus eleitos por meio da fé; e que ele condenará os reprovados que se recusam a aceitar o evangelho.⁹

Segundo Hoeksema, a promessa do evangelho não vem a qualquer que a escute; vem só para o eleito. Essa promessa não é jamais universal, mas sempre particular. Pregar jamais é graça para o réprobo. Pregar em si mesmo não é bênção ou maldição. É uma apresentação neutra que sempre se torna em maldição para o reprovado e em bênção para o eleito.¹⁰

⁶ De Jong, *Well Meant Offer*; p. 43-45.

⁷ Essa doutrina ensinada por teólogos reformados, e frequentemente chamada de doutrina da "expiação definida", mantém que o propósito da expiação foi assegurar a salvação dos eleitos e só dos eleitos; e que Cristo, portanto, realizou sua obra salvadora especificamente por seu povo.

⁸ Hoeksema, "Whatsoever Will", p. 148.

⁹ De Jong, *Weel Meant Offer*; p. 47-48.

¹⁰ *Ibidem*, p. 49

Resumindo, segundo Hoeksema, Deus não deseja a salvação de todos aos quais o evangelho é anunciado; ele deseja a salvação apenas dos eleitos. Assim, não podemos dizer que o evangelho é oferecido com boa intenção para todos os que o ouvem.

Discordando desse ponto de vista de Hoeksema, a Igreja Protestante Reformada da América do Norte mantém, em concordância com a maioria dos teólogos reformados, que a pregação do evangelho é uma bem-intencionada oferta do evangelho, não só da parte do pregador, mas da parte de Deus, a todos que o ouvem; e que Deus, séria e honestamente, deseja a salvação de todos aos quais o convite do evangelho chega.

Qual a base escriturística para a boa intenção do chamado do evangelho? Olharemos primeiro para duas passagens de Ezequiel.

1) Ezequiel 18.23 apresenta uma questão: *"Por acaso tenho eu prazer na morte do perverso? — diz o Senhor Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?"*.

2) Ezequiel 33.11 responde a questão: *"... Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Convertedei-vos, converteí-vos dos vossos maus caminhos, pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?"*.

Ezequiel profetizou aos exilados do Reino do Sul, que havia sido levado cativo para a Babilônia por causa de sua vergonhosa infidelidade ao Senhor. O profeta implorava aos seus conterrâneos que se arrependessem de seus pecados — particularmente dos pecados de idolatria e de quebra do pacto — e que retomassem a Deus. Nessas duas passagens ele declara enfaticamente que Deus não tem prazer na morte do pecador impenitente, mas que deseja que eles se tomem dos maus caminhos em que vivem. Ainda que essas palavras

sejam dirigidas aos israelitas, não há razão aqui para presumir que sejam dirigidas somente aos "eleitos" dentre eles. Sugerir que todos os israelitas na Babilônia eram eleitos no sentido definido acima,   contrário às palavras de Paulo em Romanos 9.6 ("*E não pensemos que a palavra de Deus tenha falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas*"), e contrário também ao ensino das Escrituras em geral. Na verdade, a impressão distinta que nos   passada   a de que os judeus que foram levados cativos eram quebradores do pacto e que haviam mergulhado profundamente na idolatria e na desobediência. Assim, quando o profeta exclama que Deus não tem prazer na morte do ímpio, não há razão para limitar esses " mpios" aos " mpios eleitos". O ponto   claro: Deus não se deleita (*ch ph ts*) na morte dos impenitentes que ouvem o evangelho, mas tem prazer na sua conversão em arrependimento para que sejam salvos. Essa   a vontade revelada de Deus a todos os que ouvem o convite do evangelho, incluindo o chamado ao arrependimento proclamado pelos profetas do Velho Testamento.

Calvino tem algumas palavras significantes a dizer sobre a passagem de Ezequiel 18.23:

*"Afirmamos que Deus não quer a morte do pecador, uma vez que ele chama todos igualmente ao arrependimento e promete a si mesmo estar preparado para recebê-los se eles seriamente se arrependerem. Se alguém objetasse — então não haveria elei o de Deus pela qual ele predestinou um número fixo para a salva o — a resposta estaria   mão: o Profeta não fala aqui do conselho secreto de Deus, mas só chama do desespero aos homens miseráveis, para que eles apreendam a esperança do perdão, e se arrependam e embracem a salva o oferecida".*¹¹

¹¹ João Calvino, *Commentarv 011 Ezekie!*, tradu o para o inglês de Tomas Meyers (Grand Rapids: Eerdmans 1948), 2:247.

Voltamos agora a uma passagem do Novo Testamento, Mateus 23.37: "*Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!*" (conferir com a passagem paralela de Lucas 13.34). Jesus, chorando sua dor, diz a Jerusalém como freqüentemente ele anseia por ver seus cidadãos vindo a ele para ser salvos, e como ele sentiu que se recusassem a vir. Ele usa a figura de uma galinha ajuntando os filhotes sob as asas para proteger sua cria de um perigo iminente. O perigo do qual Cristo está falando é o do julgamento que haveria de vir. No próximo verso, Jesus diz a Jerusalém que suas casas ficarão desoladas — uma referência à destruição que viria sobre a cidade. Fica a idéia de que, nos discursos finais de Jesus, a destruição de Jerusalém é geralmente um tipo da destruição do mundo!¹² Aqueles que não estiverem em Cristo quando ele retomar no fim do mundo estarão eternamente perdidos. Assim, Jesus especificamente adverte da tragédia da perdição eterna.

"... *E vós não o quisestes!*". Há contundente contraste aqui entre a vontade de Jesus e o querer dos habitantes de Jerusalém: "*Quantas vezes eu quis... e vós não o quisestes*". Muitos intérpretes entendem estas expressões como lamento. Cristo declara enfaticamente que embora ele ansiasse pela conversão e salvação do povo de Jerusalém eles não queriam crer nele para serem salvos.

Uma vez que Jesus está falando aqui como o Messias, Deus-homem, o revelador do Pai, precisamos entender suas palavras como descortinando a atitude de Deus-Pai em relação a Jerusalém, bem como a atitude de Cristo. Como Jesus disse noutra ocasião: "*Quem vê a mim, vê ao Pai*" (10 14.9);

¹² Veja meu trabalho: *A Bíblia e o Futuro* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1989), pp. 186-216.

e "O meu ensino não   meu, e sim daquele que me enviou" (Jo 7.16). Certamente não se pode pensar em Jesus sentindo algo em rela o   salva o dos filhos de Jerusalém e o Pai sentindo de forma diferente. Não pode haver diversidade de atitude entre as Pessoas da Santa Trindade.

Ninguém pode defender a idéia de que cada pessoa, em Jerusalém, estava entre o número dos eleitos de Deus. O que temos dessa passagem   uma clara indica o de que Deus, séria e honestamente, deseja a salva o de todos aos quais chega o evangelho, incluindo aqueles que não pertencem aos seus eleitos.

Em 2 Pedro 3.4, o autor fala de escarnecedores que dizem: "Onde está a promessa da sua [Cristo] vinda?" Parece que já nos dias de Pedro as pessoas se perguntavam por que Jesus não havia retomado ainda. A resposta está no verso 9: "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele   long nimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento".

A palavra traduzida por "long nimo"   *makrothyme*, que literalmente quer dizer "de longo espírito". A aparente demora na Segunda Vinda de Cristo, diz Pedro, não significa que o Senhor   lento ou está esquecido de sua promessa, mas, sim, que   paciente em rela o a nós, "Não querendo que nenhum pereça, senão [querendo] que todos cheguem ao arrependimento". A "demora" alegada  , na verdade, uma evidência da graça divina. O Senhor deseja dar aos seres humanos vivos, nesta terra, plena oportunidade para arrependimento e salva o; por isso ele ainda não voltou.

Observe particularmente as palavras "*não querendo que nenhum pereça*". Alguém poderia ler essas palavras e conceber o seguinte entendimento: "não querendo que nenhum dos eleitos pereça". Mas isso não   o que Pedro diz; introduzir esse pensamento   contrabandear para dentro do texto

algo que não está aí. A forma negativa da declaração não deixa espaço para a possibilidade da exclusão de alguém: o Senhor não deseja que qualquer pessoa pereça. Segundo essa passagem, é claro o desejo do Senhor de que todos os que ouvem o evangelho venham ao arrependimento e sejam salvos.

Outra vez, o comentário de Calvino é de ajuda:

*"Pode-se perguntar aqui: se Deus não quer que ninguém pereça, por que tantos, na verdade, perecem? Minha resposta é que não há menção, aqui, sobre o decreto secreto de Deus pelo qual os ímpios são condenados à ruína, sendo revelado somente sua misericórdia através do evangelho. Ali, Deus estende sua mão a todos, mas só segura (de forma a conduzi-los a si) aqueles que ele escolheu antes da fundação do mundo".*¹³

A palavra traduzida "querer" em 2 Pedro 3.9 é *boulomenos*. À medida em que refletimos sobre as passagens que temos visto, encontramos um paralelo claro entre as expressões *me boulomenos* ("não querer") neste verso, *posakis ethelesa* ("quantas vezes eu quis") em Mateus 23.37, e *'im-' echpots* ("não tenho prazer") em Ezequiel 33.11. Deus não quer que alguém pereça, ele *não tem prazer* na morte do ímpio e Jesus frequentemente anseia pelo ajuntamento dos filhos de Jerusalém em lugar seguro. Essas declarações divinamente inspiradas descrevem a vontade revelada de Deus de que todos os que ouvem o evangelho possam vir e ser salvos.

Talvez a mais clara passagem do Novo Testamento sobre esse ponto seja a de 2 Coríntios 5.20: *"De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos concilieis com Deus"*. Um embaixador não apresenta seus próprios sentimentos ou opiniões sobre uma matéria, mas

¹³ João Calvino, *Commentary on the First and Second Epistle of Peter* (Comentário sobre a Primeira e Segunda Epístola de Pedro), tradução de William 13. Johnston (Grand Rapids: Eerdmans, 1963), p. 364.

são aquelas de quem o enviou. Paulo chama a si mesmo e seus companheiros apóstolos de embaixadores, implicando que quando e outros insistem com o povo para reconciliar com Deus, eles estão enunciando não são seus próprios sentimentos, mas os sentimentos de Deus que os enviou. A constru o do genitivo absoluto, "*hos tou theou parakalountos di 'hemon*", expande o pensamento para "nós somos embaixadores" e explica adiante o que está envolvido nessa embaixatura: "assim   que na verdade Deus está fazendo este apelo através de nós".¹⁴ E o apelo   este: "*reconciliai-vos com Deus*". Obviamente, então, o desejo de que seus leitores ou ouvidores se reconciliem com Deus não   apenas o desejo de Paulo, mas o desejo de Deus transmitido por Paulo. Aplicando o que essa passagem ensina sobre a prega o em geral,   justificável dizer o desejo de que pessoas se reconciliem com Deus (expresso na prega o) não   apenas desejo do pregador ou missionário, mas desejo de Deus por quem o pregador fala e de quem ele   embaixador.¹⁵

¹⁴ Conferir sobre este ponto, Philip E. Hugues, *Paul's Second Epistle to the Corinthians (Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios)* (Grand Rapids, Eerdmans, 1962), p. 210 e n  50.

¹⁵ Sobre a questão da boa inten o da oferta do evangelho, ver *The Free Offer of the Gospel (A livre oferta do Evangelho)*, de John Murray e Ned Stonehouse (Phillipsburg, NJ) Lewis J. Grotenhuis, [1948].

OS CÂNONES DE DORT SOBRE A BOA INTENÇÃO DA OFERTA DO EVANGELHO

Tem a Confissão Reformada algo a ver sobre essa matéria? Nos Cânones de Dort,¹⁶ há dois artigos que dão particular atenção a esse ponto. O primeiro está no Capítulo II, artigo 5:

"A promessa do evangelho é que todo que crer no Cristo crucificado não pereça, mas tenha a vida eterna. Essa promessa deve ser anunciada e proclamada sem discriminação a todos os povos e a todos os homens, aos quais, em seu bom propósito, enviar o evangelho com a ordem de que se arrependam e creiam".

O outro artigo, III-IV, 8, é ainda mais significativo:

"Tantos quantos são chamados pelo evangelho o são seriamente. Porque Deus revela séria e sinceramente em sua Palavra o que lhe agrada; a saber, que aqueles que são chamados venham a ele. Ele também seriamente promete descanso para a alma e vida eterna a todos que a ele vierem e crerem".

Devemos observar, apenas como pano de fundo, que a expressão *serio vocantur* (são chamados seriamente) foi escolhida deliberadamente. Essa expressão tinha sido usada pelos arminianos no Sínodo de Dort, quando expuseram suas objeções ao ensino dos calvinistas¹⁷. Em resposta à solicitação oficial dos dirigentes do Sínodo, pedindo aos arminianos para expor suas perspectivas mais completamen-

¹⁶ Declarações doutrinárias adoradas pelo Sínodo de Dort, reunido em Dordrecht, Holanda, em 1618-19. Essa confissão é ainda aceita pela Igreja Cristã Reformada e pela Igreja Reformada na América. A tradução inglesa do texto latino é a que foi adotada pelo Sínodo Cristão Reformado de 1986.

¹⁷ O Sínodo de Dort foi chamado para resolver a controvérsia nas igrejas reformadas da Holanda, ocasionadas pelo aparecimento do arminianismo — um sistema teológico iniciado por Jacob Arminius, professor de teologia na Universidade de Leiden. Um número de seguidores de Arminius, chamados arminianos, estavam presentes ao Sínodo; seus pontos de vista foram rejeitados.

te, os arminianos presentes entregaram um documento chamado "Opiniões dos *Protestantes*" (*Sententiae Remonstrantium*). Nesse documento eles fizeram as seguintes declarações sobre a bem intencionada oferta do evangelho: "Aquele que Deus chama para a salvação ele chama seriamente (*serio vocat*): isto é, com intenção sincera e vontade de salvar completamente sem hipocrisia".¹⁸ Os arminianos estavam dizendo aos Calvinistas: "Um dos problemas que nós temos com sua posição é que, aceitando a sua doutrina da eleição e da expiação limitada, torna-se impossível crer numa oferta bem intencionada do evangelho a todos aos quais alcança".¹⁹

Contra esse cenário, é significativo que os Cânones de Dort não só afirmassem a boa intenção da vocação evangélica, como o fizessem usando as mesmas palavras empregadas pelos arminianos. Respondendo às palavras dos arminianos, os teólogos de Dort declararam: "Concordamos com vocês que Deus seriamente, honestamente, sem hipocrisia e genuinamente chama para a salvação todos aos quais o evangelho alcança. Ao afirmar isso usamos as mesmas palavras que vocês usaram em seu documento: *serio vocantur* ("são seriamente chamados"). Mas insistimos que podemos manter a doutrina da eleição e da expiação limitada ou definida. Não sentimos a necessidade de rejeitar a doutrina da eleição e repudiar o ensino da expiação limitada a fim de afirmar a boa intenção da vocação do evangelho".

¹⁸ *Sententiae Remonstrantium*, III-IV, 8 (trad. para o inglês feita pelo autor). O texto pode ser encontrado em J. N. Bakhuizen Van Den Brink, *De Nederlandsche Belijdnisgeschriften* (Amsterdan: Holland, 1940), pp. 282-87.

¹⁹ É interessante que essa fosse precisamente a dificuldade que Herman Hoeksema tivesse com a boa intenção do chamado do evangelho, ainda que ele tomasse posição no outro lado do espectro teológico dos arminianos.

EVITANDO A SOLUÇÃO RACIONALISTA

Peter Toon, em seu trabalho "*The Emergence of Hyper-Calvinism in English Nonconformity*" (O Surgimento do Hipercalvinismo no Não-Conformismo Inglês), indica que entre os não-conformistas ingleses dos séculos 17 e 18, surgiu um tipo de hipercalvinismo que, como o de Herman Hoeksema e da Igreja Reformada Protestante, nega a boa intenção do chamado do evangelho.²⁰ Uma das razões por que esse tipo de teologia se desenvolveu, segundo Toon, foi um entendimento exageradamente racionalista das disposições de Deus quanto aos seres humanos.²¹

O mesmo comentário pode ser feito, creio, sobre a posição de Herman Hoeksema e seus seguidores sobre a vocação evangélica — é baseada sobre um entendimento ultra-racionalista dos negócios de Deus com suas criaturas humanas. Aqui está o ponto crucial da questão. A Bíblia ensina, como vimos antes, que Deus seriamente deseja que todos que ouvem o evangelho creiam em Cristo e sejam salvos. A mesma Bíblia ensina que Deus escolheu ou elegeu seu próprio povo em Cristo desde antes da criação do mundo. Para as nossas mentes finitas parece impossível que esses dois ensinamentos possam ser verdadeiros. Um tipo de solução racional do problema pode seguir em duas direções:

(I) dizer que Deus quer que todos os que ouvem o evangelho sejam salvos: que, portanto, ele dá graça suficiente a todos os que ouvem, se eles quiserem; essa graça, porém, é resistível; muitos a resistem e frustram o plano de Deus. Essa é a solução de Arminius, a qual nos deixa com

²⁰ Entre os hiper-Calvinistas mencionados por Toon estão Joseph Hussey (1660-1726) e John Gill (1697-1771).

²¹ *The Emergence of Hyper-Calvinism*, p. 147.

um Deus que não é soberano e a qual nega a clara verdade ensinada nas Escrituras.

(2) O outro tipo de solução racional é a de Hoeksema e dos hiper-Calvinistas uma vez que a Bíblia ensina eleição e rejeição, simplesmente não pode ser verdade que Deus deseja a salvação de todos os que o evangelho alcança. Devemos dizer, portanto, que Deus deseja a salvação só dos eleitos entre os que ouvem o evangelho. Esse tipo de solução pode parecer satisfatório a algumas mentes, mas falha completamente em fazer justiça a passagens da Escritura como Ezequiel 33.11, Mateus 23.37, 2 Coríntios 5.20 e 2 Pedro 3.9.

Precisamos nos recusar a seguir em qualquer dessas direções. Uma vez que a Bíblia ensina tanto a eleição eterna quanto a boa intenção da vocação do evangelho, continuaremos a manter nossa crença em ambas as doutrinas, mesmo que não possamos reconciliá-las em nossa mente finita. Não podemos prender Deus na prisão da lógica humana. Nossa teologia precisa contemplar o paradoxo bíblico. Concordando com Calvino, nossa preocupação teológica não pode ser construir um coerente sistema racional, mas ser fiel a todo ensino da Bíblia.

A boa intenção da vocação do evangelho tem tremendo significado para missões. O missionário ou evangelista precisa levar a mensagem com esta confiança:

"Não só eu desejo que cada um de vocês se voltem dos seus pecados para Deus para que sejam salvos, mas esse é o desejo de Deus também. Deus não tem prazer na morte de ninguém que não esteja vivendo em harmonia com sua vontade; Deus quer que você se volte dos seus caminhos e viva. Deus está fazendo este apelo a você, através de mim: 'Reconcilie-se com Deus'. Com essa confiança precisamos levar o evangelho a todos, tendo fé em que Deus abençoará a palavra e produzirá os resultados que ele tem decretado".

FIM.